



GÊNERO, RAÇA E DECOLONIALIDADE SOB ÓTICA FEMINISTA NAS RELAÇÕES SOCIAIS E O REFLEXO NA SUBALTERNIDADE DO TRABALHO

GENDER, RACE AND DECOLONIALITY FROM A FEMINIST VIEWPOINT IN SOCIAL RELATIONS AND THE REFLECT ON SUBALTERNITY OF WORK

Caroline Gomes e Silva Forte ¹

Fabiola Tatsch²

As relações sociais construídas na modernidade colonial aprisionaram o gênero feminino, mulher não-branca, em uma “casta” de subalternidade de poder, de trabalho, ditado por padrões sociais patriarcais hegemônicos. Em que medida o feminismo decolonial desvenda as dificuldades de ascensão do gênero feminino as esferas mais altas de poder?

Através de pesquisa bibliográfica, de abordagem monográfica, e utilização de método qualitativo de revisão objetiva-se contextualizar os reflexos do conceito de gênero, raça impostos pela colonização dos povos e como encontram-se embricados os movimentos feministas em face da construção das relações de dominação estrutural e social a qual as mulheres não-brancas foram, em razão do gênero, inseridas em “casta” que as aprisiona a subalternidade de poder e trabalho.

¹ Mestranda em Direitos Humanos pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Núcleo de Estudos em Direitos Humanos e Cidadania (NUPEC/UNESC). Integrante do Grupo de Pesquisa em Gênero e Raça (NEGRA/UNESC). Pós-Graduada em DIREITO TRIBUTÁRIO pela LFG (2012). Advogada Militante do Direito das Mulheres no Estado de Santa Catarina. Graduada em DIREITO - CIENCIAS JURIDICAS E SOCIAIS pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (2005). E-mail: cgomesesilvaforte@gmail.com.

² Mestranda em Direito pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, na linha de Pesquisa Direito, Sociedade e Estado do PPGD/UNESC. Integrante do grupo de pesquisa Direito, Sociedade e Estado do PPGD/UNESC. Direitos humanos e fundamentais do trabalho e políticas públicas. Membro pesquisador do NUPED/UNESC. Especialista em Responsabilidade Civil e Direito do Consumidor pela Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro (2009). Graduada em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2004). Servidora pública do Estado de Santa Catarina, no cargo de Polícia Penal desde março de 2007. Advogada, inscrita sob o número 22.710 da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional do Estado de Santa Catarina. E-mail: tatsch80@hotmail.com.



A hipótese trazida visa introduzir uma reflexão acerca da problemática apresentada em torno do conceito francês *décolonial* que deu origem a conceito empregado por François Vèrge como sendo o enfrentamento da colonialidade do poder, parte do trabalho do sociólogo peruano Aníbal Quijano, um dos pilares para a inserção da América Latina no debate pós-colonial. Dentro deste contexto, uma análise decolonial é proposta às relações de poder da colonialidade nas esferas econômica, política, social e epistêmica de que o modelo colônial e as suas imposições não findaram com a destruição do colonialismo, propõem-se a reflexão sobre a continuidade das formas de dominação para além do colonialismo dentro da perspectiva de gênero.

O pensamento crítico das feministas do terceiro mundo surge através do feminismo decolonial, atrelado ao desenho de continuidade de dominação, em que os primeiros sinais de aparição ocorreram na primeira década do século XXI, com o desdobramento dos estudos do Grupo Modernidade/Colonialidade, berço dos feminismos latino-americanos e feminismos pós-coloniais (BALLESTRIN, 2020).

Dentro deste contexto, propõem Rita Laura Segato, a interface entre o mundo pré-intrusão e a modernidade colonial a partir das transformações do sistema de gênero, não como um dos aspectos da denominação no padrão da colonialidade, mas como um real estatuto teórico e epistêmico ao examiná-lo como categoria central da transformação imposta à vida das comunidades ao serem capturadas pela nova ordem colonial/moderna. Ao introduzir esta perspectiva de gênero apresenta três posições dentro do pensamento feminista. (SEGATO, 2012)

Na primeira posição o feminismo eurocêntrico, que afirma que o problema da dominação de gênero, da dominação patriarcal, é universal sem maiores diferenças. Sustenta a posição de superioridade moral das mulheres europeias ou eurocentradas em face das mulheres não brancas, indígenas e negras, dos continentes colonizados, o que autoriza uma missão civilizadora-colonial/modernizador. (SEGATO, 2012)

A segunda posição proposta por Segato afirma a inexistência do gênero no mundo pré-colonial tendo como adeptas desta posição Maria



Lugones e Oyeronke Oyewumi (LUGONES, 2007). E finaliza uma terceira posição, a qual se inclui, a qual a credita-se existir uma sociedade patriarcal de baixa intensidade. Neste grupo inclui-se Juliana Paredes com o seu feminismo comunitário. (PAREDES, 2017).

Dentro dessas nuances feministas de objetos específicos, uma temática é central, o trabalho e subalternidade, são características do gênero feminino de mulheres não-brancas, constituído por dois marcadores distintos que somam-se, gênero e cor. O trabalho invisibilizado, subalterno foi destinado as mulheres não-brancas nos primórdios da separação das relações sociais baseadas no gênero. Sendo a vida estruturada de forma totalmente diferenciada, com problemas e dilemas específicos como sobrevivência econômica, discriminação étnica e racial.

A visão de Silvia Federici o trabalho não remunerado, subalterno é pilar de sustentação do capitalismo, junto a outras formas de trabalho não remunerado como a servidão e a escravidão. Através do pressuposto de que o trabalho doméstico é intrínseco à natureza da mulher, a lógica capitalista a coloca como uma base na organização do trabalho dentro da instituição familiar. Um dos pilares da luta de Federici volta-se a configuração da necessidade de um salário pago pelo Estado ao trabalho doméstico. No entanto, foi tida como menor pelo feminismo, que se voltou para o direito de trabalhar fora, por exemplo. As feministas liberais viam isso como a chance de obter uma carreira e as feministas socialistas, perceberam uma oportunidade de se incorporarem à luta de classes. (FEDERICI, 2019)

O foco da luta feminista deveria ser inicialmente pela independência econômica, não pelo trabalho em si transformou-se em mais trabalho as mulheres que já trabalhavam em casa, necessitando, assim, de mais tempo, não de mais trabalho. Tal posicionamento feminista, pode ter contribuído para um afastamento das donas de casa de movimentos feministas. Desse modo, o problema do trabalho doméstico – compartilhado por todas as mulheres – não foi resolvido: poucas conseguiram realmente dividir as tarefas dentro das realidades familiares, passando a exercer jornada dupla. Em que o trabalho



doméstico pertence as mulheres não-brancas até para que mulheres brancas fujam dele. (SCOZ, BRUEL, ZIMKOVICZ, KOHLER, 2018).

Chandra Talpade Mohanty, tece crítica ao capitalismo global, a naturalização dos valores do capital e do poder não reconhecido do relativismo cultural em estudos e pedagogias feministas transnacionais, propõem uma antiglobalização como foco principal das feministas. Sugere uma análise crítica ao capitalismo e suas várias relações de governo através do feminismo transnacional anticapitalista. (MOHANTY, 2008)

O feminismo decolonial realiza o desenho, por afinidade, de críticas feministas realizadas ao modelo neoliberal identificando o mecanismo que alimenta as relações sociais baseadas na subalternidade, invisibilidade, gênero e cor, e sugere uma forma de luta – feminista transnacional e anticapitalista.

Dessa forma, objetiva-se desenhar o caminho a ser percorrido para construção de resposta fundamentada a problemática apresentada acerca da existência das dificuldades de ascensão do gênero feminino as esferas mais altas de poder, através de pesquisa bibliográfica, de abordagem monográfica, método qualitativo e de revisão.

PALAVRAS-CHAVE: Anticapitalismo; Feminismo Decolonial; Gênero; Mulheres não-brancas; Subalternidade.

KEYWORDS: Anticapitalism; Decolonial Feminism; Genre; non-white women; Subalternity.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

ESPINOSA-MIÑOSO, Yuderkys. **Uma crítica descolonial a la epistemologia feminista crítica**. *El Cotidiano*. Ciudad de México, n. 184, mar./abr., 2014.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**. São Paulo. Editora Boitempo. 2019.



FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** São Paulo: Elefante, 2018. 388 p. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 9, n^o. 1, 2018.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1. p. 61-73, jun 2014.

LISBOA, Teresa Kleba. **Fluxos migratórios de mulheres Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência globalização da assistência Estudos Feministas.** Florianópolis, 15(3): 805-821, setembro-dezembro/2007.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/FZsx5PcP9vfX6zzpBsF4r9v/?format=pdf&lang=pt>.

Consultado em: 02/05/2022.

LUGONES, María. **“Heterosexualism and the Colonial/Modern Gender System”**, Hypatia, volume 22 number 1, pp. 186-209. Winter 2007. Disponível em :

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4251730/mod_resource/content/0/heterosexualism%20and%20the%20colonial%20modern%20gender%20system%20maria%20lugones.pdf. Consultado em: 02/05/2022

LUGONES, María. **Colonialidad y género.** Tabula Rasa, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008

MOHANTY, Chandra. **Sob os olhos ocidentais revisitado: solidariedade feminista através de lutas anticapitalistas.** Zazie Edições. Copenhagen. Rio de Janeiro. 2003

GONZÁLES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** *Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs*, n. 2, Rio de Janeiro, 1984.

PAREDES, Julieta. **El feminismo comunitario: La creación de um pensamento próprio.** Archivos virtuales de la alteridad americana. Vol 7. N^o 1/2017. Enero/junio 2017. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/corpusarchivos/1835>, consultado em 02/05/2022.

SEGATO, Rita Laura. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial.** E-Cadernos CES, v. 18, 2012. Disponível em: <http://eces.revues.org/1533>.

VÉRGES, FRANÇOIS. **Um Feminismo Decolonial.** Tradução Jamille Pinheiro Dias Raquel Camargo. Título original: Um féminisme décolonial. São Paulo. Ubu Editora. 2020.